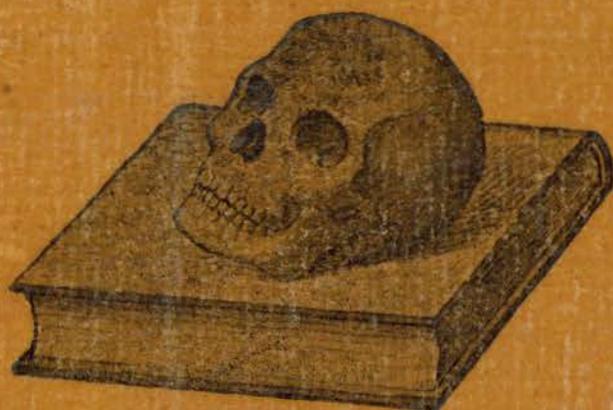


Portugal

NA

GUERRA DA EUROPA

(Ao Imperador da Allemanha)



A's armas! Portuguezes...

POR

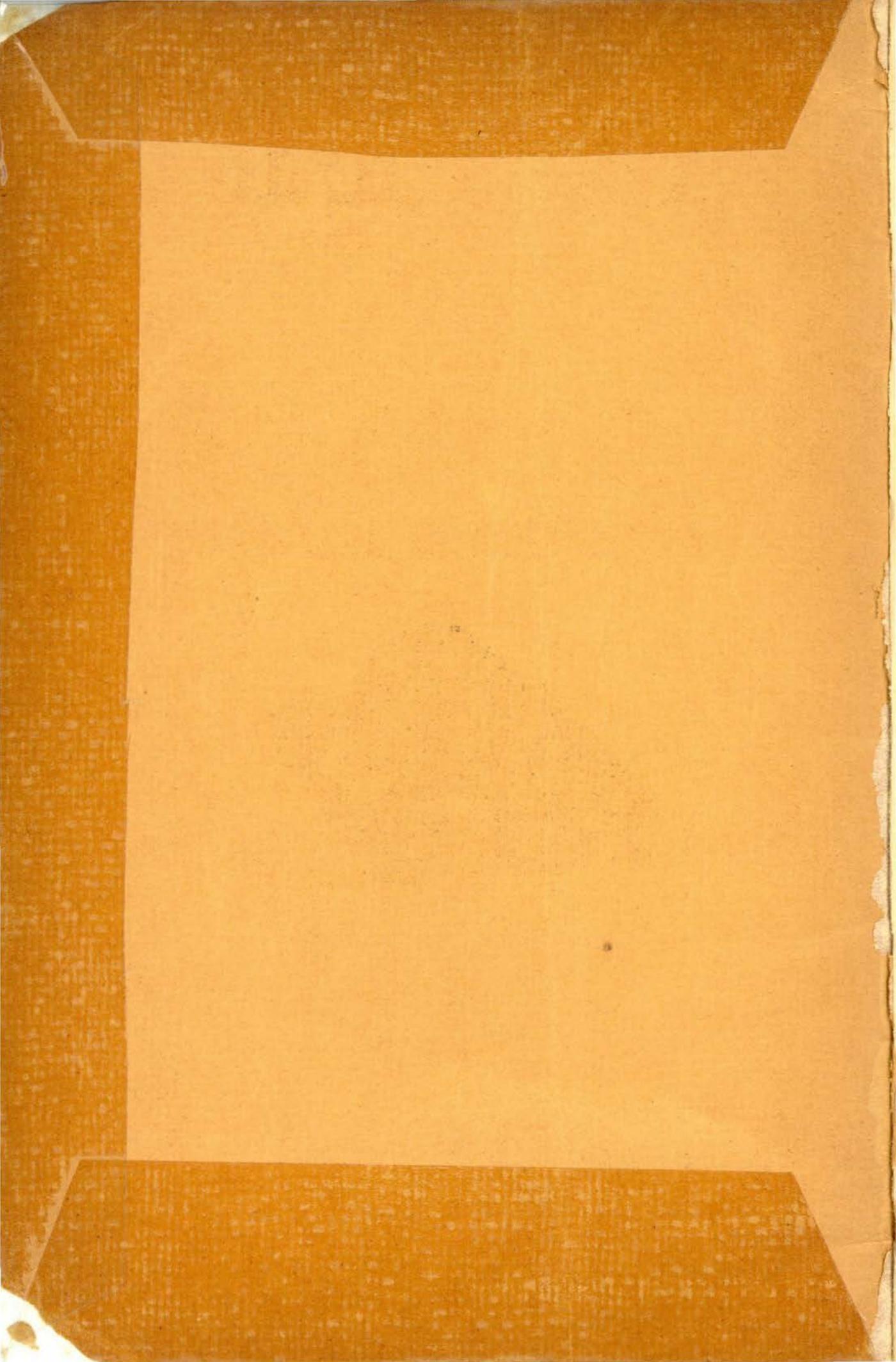
Armando d'Araujo

LISBOA

—1914—

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA

P-1
RA



Oferta
2023-05-20

800

/541

Portugal

NA

GUERRA DA EUROPA

(Ao Imperador da Allemanha)



A's armas! Portuguezes...

POR

central

Armando d'Araujo



LISBOA
= 1914 =

82P-1
/ARA

*(Homo, ex hominis lupo,
hominis cooperato.)*

Cruz Vermelha Portuguêsa

Ao coração da guerra,
N'esta hora d'agonia,
Quando oscila a Terra,
E já, de serra em serra,
Fugiu a luz do dia;

E quando a Noite immensa o mundo inteiro abala,
Aos gritos da Revolta, e aos ais do Sofrimento,
Contorcendo a nossa alma o Horrôr e o Desalento,
Hecatombe, a explodir!, que nenhuma outra eguala;
Que a Historia não gravou, nem vinha ao Pensamento;

O' Patria minha amada,
Onde a Magua ajoelha,
Lá onde a Dôr s'espelha
Conduz, amargurada,
A tua Cruz Vermelha.

*E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,*

.....

*Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedecestes á força Portugueza.*

(LUZIADAS)

CAMÕES.

A Guerra!

(A GUILHERME II, D'ALLEMANHA)

Que espantosa tragedia assola o mundo!
Que nuvem pelo céu tão negra cresce!
O Pensamento cáe, já moribundo,
E das regiões do espaço o luto desce!

O fogo alastra e deixa o céu tismado!
E a terra, em sangue humano humedecida,
Recorda um triste e vasto descampado
Donde a morte levou signaes de vida!

Que pavoroso e estranho desconforto
A alma de quem vive desconforta...
Que rictus de ironia em cada morto,
Que sinistros montões de gente morta!

Nos campos de batalha a lua chora,
Como lagrima enorme mal suspensa,
E os astros espantados, n'esta hora,
Desmaiam a sorrir na treva imensa!

Envolve o mundo inteiro a noite escura
E a Dôr a propria Fé já desengana...
Phantastica visão d'ebria loucura
Como pode vingar em mente humana?!

*

* *

A Allemanha crescera avassalando
Na justa admiração os outros povos!
Querendo (como nós) talvez sonhando
Ainda descobrir uns mundos nóvos!

Na Arte e na Sciencia possuindo
A doida actividade, a astucia louca...
Da civilisação um sonho lindo
Para o qual a sua terra era já pouca!

E as filhas da Allemanha — a raça forte,
Transformádas n'um côro que sorria,
Poderiam cantar a sua sorte
Que Wagner, semi-Deus, orchestraria!

E assim, erguendo o vôo, a Aguia allemã
Tentou velar o sol com suas azas...
Como é triste o contraste da manhã
E o vermelho poente ardendo em brazas!

Alta, mas já cançada, a Aguia se eleva!
Subito escureceu e a luz caiu,
Sepultando no espaço a funda treva,
Mas a Aguia, porem... não mais se viu!

Os sabios d'Allemanha não poderam
Resolver a questão sem ar selvagem...
Mas n'uma astucia vil então souberam
— Machinas descobrir para a carnagem.

Allemanha creul! toda vaidade,
Emquanto estudavas a matança,
Contra tanto soffrer da Humanidade
Remedio descobriu — Pasteur! Em França!

E entretanto — Curie! uma franceza!
 No mais simples sorrir d'esses seus labios,
 Segredos desvendou da Natureza
 ...Derrotando a Sciencia dos teus sabios!

*

* *

Já terminada a guerra, quando tudo
 Voltar á paz da vida, inda arquejante;
 Quando o canhão, por fim, já seja mudo
 E o echo da sua voz já fôr distante...

Com que funda tristeza a Historia ha-de
 Gravar no eterno livro do Destino
 Este crime Maior da Humanidade
 Todo inspirado (assim) no amôr divino!

E enquanto com horror o mundo pasma,
 Lembrando essa hecatombe tão extranha,
 Na treva ha-de pairar esse phantasma
 De Guilherme II, d'Allemanha!

*

* *

Mas, quem és tu, Senhor? ser apagado!
 Contra a justiça humana, tu, que podes?
 Se o mundo ri ao vêr-te... retratado
 Na hirta petulancia dos bigodes!

N'uma arrogancia forte, allucinada,
 De bem alto dizer não tinhas pejo:
 Acima do Direito — a minha espada,
 Acima da Razão — o meu desejo.

E no supremo orgulho do teu porte,
No delirio da febre enlouquecida,
Caminhavas, sorrindo, para a morte,
Julgando caminhar só para a vida.

Ditavas a sorrir cruel sentença,
Votando a todo o mundo o exterminio,
Comquanto fosse teu, em recompensa,
Todo o mundo curvado ao teu dominio!

N'esse morbido culto, que professas,
Sonhaste com as Lagrimas. Depois
Puzeste a funcionar as negras peças,
Calibre sem rival!... quarenta e dois!

Abrindo azas no céo, vasto e sereno,
As bombas infernaes de lá lançaste,
E viste o mundo assim, talvez pequeno
Tendo a tua figura por contraste!

Ironia cruel! Destino vago!
Aperfeiçoaste o engenho á morte vil,
E, conseguindo assim tão grande estrago,
De nada te valeu o infame ardil!

Sobre o teu craneo nú, já descarnado!
O' pobre Imperador, triste e vencido,
Ha-de chorar um povo derrotado,
Vendo-se, para sempre, enfim perdido!

A eterna maldição d'essa aventura,
Mixto de raiva e dó, de escarneo e riso,
O teu manto ha de ser, Negra Figura,
Quando o teu passo fôr... vago, indeciso!

Sumindo-te nas trevas, pelo espaço,
Erguido ao vendaval da phantasia,
Ha-de haver quem te veja erguer o braço,
Mas a fronte pender-te na'gonia!

Eterna maldição! Hora funesta!
 A Historia, a rir de ti, ha de contar-a...
 Sinistro Imperador o que te resta?
 A' Historia, justa e fria, quem a cala?

E se ainda ao luar, mortiço e baço,
 Teu cadaver surgir na tua bandeira,
 Ha-de brilhar sinistra a côr do aço
 No pallido marfim da tua caveira!

Pelas orbitas negras e vasias,
 Na carcomida bocca desdentada,
 Hão-de abrir n'um esgar as ironias
 D'essa dôr que nasceu... já sepultada!

Então! a Alma Humana, estremecendo,
 Ha-de olhar-te, por fim, compadecida,
 Que no teu espectro vil ficará vendo
 O symbolo do Mal por entre a vida!

O desmentido enorme ao bem sonhado,
 Esse teu grande crime sem indulto,
 Caiu por sobre ti, ó Desgraçado!
 Sobre ti vae ficar no eterno insulto!

*

* *

Porém, já muita vez eu tenho ouvido
 Dizer, convictamente, a gente seria
 Que dentro da Allemanha era sabido
 Haver quem fosse contra... esta miseria!

Que dentro da Allemanha alguém havia
 Abertamente hostil á guerra e á dor,
 E que somente a paz emfim queria...
 E era apenas — Guilherme... o Imperador!

E eu, que tenho receio de enganar-me,
E que não quero ser talvez injusto,
Quero d'esta suspeita confessar-me,
Embora o vá fazer com certo custo.

Isto porem em nada mais altera
Rasões com que nas faces te fustigo,
E se a tua amargura fôr sincera
Melhor tu sentirás o que te digo.

Tu és a encarnação d'esse teu povo,
Que te julgava um Deus... um visionario,
Mas tu agora tens o aspecto novo
Do repelente abutre, sanguinario.

Invocando n'esta hora a Cruz Vermelha,
De lagrimas e sangue reluzindo,
Vê como o puro Bem n'ella se espelha,
Seus braços virginaes d'amor abrindo...

N'isto que te disser calmo repara,
Não julgues que sou eu que tambem erro,
E á nossa velha cruz por fim compara
A tua tão fallada Cruz de Ferro.

Como é mesquinha e negra... e apenas isto
Essa apagada cruz—symbolo mudo!
E como é enorme a Cruz de Christo
—Symbolo colossal do nosso escudo!

A cruz de que fallaram os chronistas,
Com grandes letras d'oiro em bronze abertas,
Essa cruz invencivel das Conquistas!
Essa cruz imortal das Descobertas!

Foi essa que mais tarde em todo o mundo
Foi para a Cruz Vermelha exhortatoria,
E assim leva hoje alivio ao moribundo
Essa cruz colossal da nossa Historia.

*

* *

E o velho Portugal, o heroe lendario,
Quem d'elle se lembra agora? n'este instante?
E quem n'este momento funerario
O seu exemplo traz... nobilitante?

Meu Grande Portugal a quem a Historia
Concede alto lugar aos altos feitos,
Como se para encher-te de mais gloria
Não bastasse a Fé de tantos peitos!

Eu amo Portugal e o orgulho imenso
Que sinto, dentro em mim, de ser seu filho
E' tudo quanto sinto e quanto penso
E minh'alma a dizel-o eu proprio humilho!

Amôr que me distrae das amarguras
Sentidas e sonhadas, vivas, mortas...
Que eu vivo n'um solar entre figuras
Que me veem bater de manso ás portas.

Convido-as a entrar, e, mansamente,
Vou-lhes abrindo as portas, com respeito,
O luar illumina o ambiente,
Como um sonho de luz no ar desfeito.

Cintra repousa só, abandonada,
Véla apenas nas fontes argentinas
Alguma Linda-Flor, moira encantada
Que medrosa se oculta entre as ruinas.

A leve brisa canta no arvoredos,
Arrancando-lhe os sons da harpa eólia
E foge a suspirar o seu segredo
Pêlo ar todo embebido da magnolia.

A natureza dorme enquanto eu vélo!
Cá de baixo parece arrastar pelas
Negras e altas ameias do castello
Um enorme docél feito de estrellas.

Pelos cedros do parque o vento geme
A sinistra canção do desalento;
E como echôa em nós, soluça e treme
Nas maguas colossaes a voz do vento!

Pela larga janella, toda aberta,
Entra uma aragem fria e perfumada,
E ouve-se uma voz gritando «alérta!»
Voz que de longe vem, quasi apagada.

Nas clareiras do bosque as sombras passam
E afogam-se nas aguas da devesa,
Fogem astros no céo e cruces traçam,
Piam aves nocturnas com tristeza.

Que noite de pavôr! Vigilia extranha!
Magno concilio aberto á fé jurada!
A sala é o coração d'uma montanha,
Onde sómente a morte tem entrada!

Fogem pelo salão sombras de enganos
Como as aguas n'um leito em declive,
Recinto onde os espectros traçam planos,
Onde a sombra da Morte apenas vive!

Ha sombras indecisas, vigorosas,
Outras que formam grandes, negros lyrios.
Vão começar agora tenebrosas
Talvez as discussões á luz dos cyrios.

O Gama e os filhos seus entram primeiro,
Seguem-se D. Henrique e outros vultos;
Ha muitos mais ainda, no terreiro,
Nas sombras do arvoredó quasi occultos.

Preside Viriato — pastor velho,
Rosto queimado ao vento da insania,
Por abrir tem á frente um evangelho,
Que na lombada escreve: «Lusitania»!

Negro queijado, rispido segura,
Na trigueira, felpuda e rija mão;
Rebrilham na luz baça da armadura
D. Diogo d'Azambuja e Diogo Cão.

Com magua, que no rosto o atração,
Perdido entre a turba alguém entrara,
A quem na fébre o povo de Lisboa
O «Defensor do Reino» lhe chamara.

Grande e vermelho emblema ao peito traz,
E' o Mestre d'Aviz — sob a viseira;
Cercam-n'o Paio Peres, Tristão Vaz,
Velho Cabral e Antonio da Silveira.

Tremulam pela luz sinistra e baça
Gibões de seda em ricos passamanes,
Reluz tambem o oiro da couraça;
Entram Gonçaves Zarco e Gil Eannes.

Affonso d'Albuquerque, em mão possante,
De manso faz tinir ferrea corrente,
No metalico arrasto do montante...
Entra depois Camões, velho e doente!

Nuno Alvares, que traz vestes de frade,
Sua espada sob o habito ocultou;
Rangem de manso os gonzos d'uma grade,
E' Bartholomeu Dias que chegou.

Divisa-se uma cruz sobre um penedo,
Que no distante céu mal amanhece;
Pesados passos soam no lagedo
— E' D. João de Castro que aparece.

Coberto de poeira; a malha posta;
Veio agora, com homens e arcabuzes,
Do seu ermo solar, a meia encosta,
Da linda Penha-Verde... cheia d'urzes!

Camões, erguendo a voz, atesta o fado
Que fez de nós um povo aurifulgente,
Que nos tornou tão grandes no Passado
Que nunca mais a fama se desmente!

E essa voz tão serena, altiva e doce,
Agita-se no ar, em som de guerra,
N'um rutilo tenir, como se fosse
Um clarim acordando toda a serra!

São notas estridentes, notas graves;
E assustadas, no céu, negras de inverno,
As nuvens fogem, como enormes aves,
Ante o enorme clangor do bronse eterno.

Egas Moniz, Almeidas e Pacheco,
Pedro Cabral e os Doze d'Inglaterra,
Na energica expressão, no gesto secco,
Attentos são da voz que se descerra.

Chega Bartholomeu Perestrello,
Fernão de Magalhães — entra risonho,
E' que sob o luar do Sete-estrello
Torna-se mais doirado um lindo sonho!

Passam, ao lampejar de velha espada,
Gomes Freire, Pombal, Sá da Bandeira;
João Pinto Ribeiro, Vaz d'Almada,
Os duques de Saldanha e da Terceira.

Chega o Marquez das Minas, ofegante,
Que por Madrid andara em seu corcel;
Ouve-se um canto triste e soluçante
E' o Mar — nosso eterno menestrel!

E Fernandes Vieira contristado
 Estende pela sala o olhar absorto;
 Vão entrando tambem, n'um ar cançado,
 Mousinho d'Albuquerque e Silva Porto.

Outros, formando grupos pela sala,
 Da mesma fórma escutam tristes novas,
 Que do grande Camões a meiga falla
 Parece desfazer-se em doces trovas.

Herculano e Garrett, ouvido attento,
 Escutam com pavôr o que se diz;
 N'alguns rostos queimados pelo vento
 Ha golpes, a sorrir, em cicatriz!

A sala cheia está, de canto a canto,
 E ainda mais Alguem (*) já comparece,
 De quem não falla a Historia por emquanto,
 Mas de quem fallará como merece.

Alguem que pela Africa insurgida
 O sertão percorreu de norte a sul,
 Que depois se bateu, jogando a vida,
 No rigido combate de Magul.

De farda ensanguentada, ou branca luva,
 O braço e o coração no mesmo jogo;
 No campo o theodolito erguendo á chuva,
 Na luta a sua espada erguendo ao fogo.

Um grande portuguez, alma d'heroe,
 E que vencendo vae (n'estes instantes!)
 Contrariado embora — e o que mais dóe
 Por causa de vaidades triumphantes.

Tem o ar de amargura, calmo e forte,
 E a face alto desgosto nos revella...
 Na britanica fleugma do seu porte
 Elle é a muda e firme... sentinella!

(*) F. d'A.

*Ficção de
 Almeida*

Cintra repousa ainda, adormecida,
 E a brisa vem beijada dos pinhaes;
 O luar põe-lhe a nota dolorida
 E o campo empalidece aos «Sete-Ais»!

Ahi se esbate a luz mais desmaiáda,
 Ahi onde um «ai» chora sete vezes,
 Ahi aonde outr'ora foi firmada
 A convenção da paz... com os francezes!

Exquisito perfume a treva exhala
 A nardo, a myrrha, a cedro... ao mar, distante!
 A um canto, já sem luz, da vasta sala
 Conversam, em voz baixa, Anthero e Dante;

Discutem sobre o Mal, a guerra e a peste
 O Dante emudeceu; Anthero vence-o!
 E a pallida Razão — que luto veste —
 A sala atravessou entre o silencio...

A discussão prosegue fulgurante,
 Mas por fim abrandou, morreu serena;
 E todos se levantam, n'este instante,
 ...Entrou Dona Filipa de Vilhena!

*

* *

Irrompe a madrugada sobre os montes;
 Vão-se apagando estrellas pelo espaço.
 Piam aves no céu. Choram as fontes!
 O céu azul delido é côr do aço.

Que palida manhã! D'eremo casebre
 Começa a erguer-se o fumo ao som da nóra;
 Espalha-se no campo um tom de fébre
 E o campo lembra a mãe que o filho chora!

A luz vae aclarando e já desperta
A natureza a rir, do calmo somno,
Só a alma d'esta dôr não se liberta...
Como é triste a manhã!... manhã d'outono!

Ha no emtanto uma fé, que mal conforta,
E que suavisa um pouco a nossa pena...
A esperança não é de todo morta,
Por isso a nossa magua é tão serena.

Paiz do sentimento! Eu quero tanto
Ao nobre Portugal — ó patria amada! —
Que se fallo de ti eu sinto o pranto
Tornar a minha voz amargurada!

Paiz onde viceja a flôr mais pura
Que dentro d'alma nasce, e ri e cresce.
Paiz do lindo amôr, todo ternura,
Que brilhando no olhar... n'elle enlanguesce.

Cada Mulher sorri no amôr do filho,
Em cada velho canta o amôr do neto,
E o sol de Portugal tem tanto brilho
Que semelha o esplendor do nosso afeto!

Nós — temos coração e a alma quente,
Nos labios o sorrir, no olhar tristeza,
Mas assim, como Nós, ninguem mais sente,
Não ha no mundo outra alma... portugueza

E sabemol-o bem; não é vaidade!
Por isso alta desgraça nos tortura...
Por isso onde ha tambem? uma «Saudade»
Tão suave e tão sincera... assim tão pura?

A' Inglaterra e á França o que devemos?
E o que devemos nós á velha Hespanha?
— Amigos e inimigos conhecemos
A uns e outros tambem — como a Allemanha!

Mas a alma portugueza, illudida,
Traidora nunca foi, vencida embora,
E quando já roubada e emfim trahida
Sincera foi tambem... como é agora!

E' que perante o crime que salpica
De sangue o coração de tanta gente
Tão culpado é por fim quem o pratica
Como quem consentiu e hoje o consente.

Por isso quando ólho a Humanidade,
No seu aspecto nú, tão calmo e frio,
Uma dôr colossal logo me invade
E nos gelos da Morte me arrepio.

Quero chorar, dizer, sorrir— não posso!
Que nada penso então; é tudo vago...
E se na bocca secca um riso esboço
E' a sede d'este fél que n'alma trago.

Que negra sorte em mim sinistra impera!
Por que não hei de rir, á gargalhada,
Da mãe que o filho vê pasto da fera,
Do filho vendo a Mãe amortalhada?

Porque não hei de rir, gosar imenso,
Como esta Humanidade está gosando...
Que tolo este pensar como eu só penso,
Que louco o sonho meu que vou sonhando!

E dentro em mim serena e pura canta
A doida aspiração que me consome!
Por isso o meu olhar assim se espanta
Vendo a creança pedir, cheia de fome!

Quantas e quantas lagrimas caindo,
No silencio do lar, pelas aldeias,
Regam lyrios de dôr que vão abrindo,
Lyrios roxos que são... maguas alheias!

Querem dizer pavor, e odio e magua,
As lagrimas, nos olhos, rutilantes!
E que salgadas são perolas d'agua
N'olhos que foram já... de navegantes!

*

* *

A alma pura e triste... lusitana,
Que resplende a florir, á flor da terra,
Que chorando sorri, sorrindo engana,
E que sorri de magua... olhando a guerra;

Alma que me comoves e alucinas,
Alma! tu que me dás teu proprio alento,
E's tu com tua luz que me iluminas
E assim me lanças fogo ao pensamento!

E's (alma incomparavel!) tudo quanto
Resta talvez de bom no mundo egoista;
E' por isso que sinto o que te canto,
Acalentando o sonho... anarchista!

Um ideal de Justiça e de Bondade
Quem podia cantal-o em doce trova,
Quem podia sentil-o com «saudade»,
Tão puro como a luz da ideia nova.

Um ideal de luz, fogo talvez...
Ha fogo que destroe, mas purifica;
Mas esse ideal é como na viuvez
Visão que a propria magua dulcifica.

Sonho libertador! meu velho sonho!
Como te vejo enfim tão mal sonhado,
Como de te sonhar eu me envergonho,
Sentindo o coração parar, cançado.

A todos vós que sois por sobre a terra
Rastilho d'uma chama que incendeia
A formula «de cruz em 3» encerra
Querer saber: que vale? a nova ideia!

Como salvar porem no instante triste,
Ao palido sorrir d'almas escravas,
A carne de canhão que ainda existe
E que não foi lançada ás feras bravas?

A theoria do bem não satisfaz,
E a pratica do mal não me convence,
Eis agora o problema: guerra ou paz?
— A Humanidade, pois, que sinta e pense.

Que sinta quanta dôr, em vão provoca,
E quanto coração de dor estala,
Ella que tão serena a Morte invoca
E que da paz da Vida não nos falla!

Mas que parva irrisão! Que desconforto!
Ella — o proprio coveiro abrindo a cova —
Que remorso terá perante um morto,
Ella que o bem desmente e o Mal comprova!

E o horror desta guerra, que se estende
Pelo mundo, até nós, em magua e luto,
Detem o coração que não entende
Como o braço decae... irresoluto!

E vendo tanto mal, já sem remedio,
Tanta loucura a rir á gargalhada,
Minha alma a trasbordar de magua e tédio
Cáe sobre a propria dor... aniquilada!

Paiz do Sentimento! se algum dia
A instrucção beijasse o nosso povo
Portugal dentre as trevas renascia
Para ensinar ao mundo o credo novo!

Paiz do Sentimento! és tu tão grande
 Em teu nobre soffrer, pungir modesto,
 Que minha alma por ti assim se expande,
 N'um testemunho altivo de protesto.

Meu velho Portugal, na hora extrema,
 Eu dou-te o meu sentir amargurado,
 Como amanhã te dou, na fé suprema,
 O meu digno cadaver... de soldado.

Que todas estas lagrimas que chóro,
 No desespero augusto da tristeza,
 N'um triste presentir d'um mal que ignoro,
 Confirmam a minha alma — portugueza!

*

* *

Fallar ao Povo é facil! Qualquer pode
 Dizer-lhe coisa doce que lhe agrade,
 Mas dizer coisa san, que não o engode,
 Eis agora a maior dificuldade.

E o nosso Povo é bom, honesto e crente
 E sempre prompto a crêr no que lhe dizem,
 Mas não lhe oiço fallar sinceramente,
 Comquanto em varia côr a voz matisem.

E ha alguns que se julgam grandes soes,
 Que pedem uma lança mais um... escudo;
 Outros que sem fallar foram heroes...
 Que «dizer» nada é... «fazer» é tudo!

.....
 Que Livre, Igual, Fraternal o povo seja!
 Sem odios, nem paixões, sereno e casto,
 E que principalmente álferta esteja
 Contra quem não se importa em ser nefasto.

Incitar de má fé a turba incauta
 Pode ter resultados diferentes...
 — Podem não mastigar a ceia lauta
 Por alguém lhes partir primeiro os dentes!

E ha tanto por ahi quem envenene
 E ande junto do Povo a elogiar-se...
 Cameleões de polpa e ar solemne,
 Fardando patriotismo por disfarce!

E alguns desceram tanto em seus sermões,
 Esquecidos talvez dos proprios dotes...
 Que nem chegam a ser cameleões,
 Pois que sómente são... «*Cameleotes*»!

Os que incitam o Povo inconsciente,
 Profundamente bom, mas ignorante,
 Devem temer que dentre a tonta gente
 Alguem tenha de ser... denunciante.

Não julguem que este Povo assim se illude...
 Rugem na multidão uns sons dispersos,
 — A Justiça tambem por fim explude,
 Aqui fica o aviso... n'estes versos!

A hora é grave emfim para aventuras,
 Para negocios negros — sem protesto...
 Especular assim, n'estas alturas,
 Pode-lhes ser talvez muito funesto!

.....
 Nós somos alliados da Inglaterra,
 Alliança secular não desmentida!
 Porem, se nos quizer levar á guerra,
 Com ella a nossa gente irá unida.

Portugal é cançado, exangue e pobre,
 Ella melhor que nós sabe-o talvez,
 Mas Portugal é sempre altivo e nobre
 Não pode desmentir sua altivez!

Ella porem que sabe o que convem,
Na grave situação d'este momento,
Claramente dirá se quer alguém,
E se o nosso exforço é... do seu contento!

Depois, e só depois! Almas serenas!
Não será tanto aneio assim postiço,
Que quando mais não fosse o era apenas
D'honrar o nosso velho compromisso!

Soldado portuguez! E's dos primeiros,
Ninguem te fará sombra em qualquer parte!
Tens teu nome gravado entre os guerreiros
E alto sabes erguer teu estandarte!

E agora chamarei, n'um alto brado,
A vir depor, na causa que defendo,
Welington, inglez — velho aliado —
Que junto a nós andara combatendo!

E chamarei por fim, altivamente,
Tambem Napoleão, por testemunha,
Que viu bem o valor da nossa gente
A quando o seu poder de balde impunha.

Raça extraordinaria! que me incitas
A vir dizer assim tudo o que penso...
São grandes, bem o sei, tuas desditas,
Mas muito maior é — teu nome imenso!

Portugal, velho e pobre, não recusa
O exforço do seu braço, o heroico gesto
E, quando mais não seja, a gente lusa
Deixará bem gravado o seu protesto!

E dizem para ahi: a tropa falla,
Murmura da partida e o mal se incute,
Que vergonhosa infamia se propala
— A tropa apenas marcha! E não discute!

E vê-de ó Patria amada, com desvelo,
Teu Povo que se agita e que extremece;
Querem-n'ó amesquinhar, mesmo esquecel-o,
Mas seu valôr verás que não se esquece!

E' tão grande o valor de que vos fallo,
Assim moldado em velhas energias,
Que podemos jural-o e confirmal-o
Desde o seculo XII... aos nossos dias!

Pode o sangue regar todo o sertão,
Corre abundante já, entre as senzallas,
Mas ainda ha muito mais, no coração,
Para augmentar na fébre o fogo ás balas!

E, n'este meu soluço derradeiro,
Ai! como a propria dôr já me consola...
Vendo pairar o espirito guerreiro
De Salvador Correia — sobre Angola!

Portuguezes! que sois irmãos na luta,
Se nos levar a sorte para a guerra
Quem faltará na ancia resoluta
A dar todo o seu sangue... á Nossa Terra?

N'esta palida tarde, ao fim do dia,
Rebate o coração triste me dá,
Presentimento certo — é profecia:
— Nem um só de vós todos — faltará!

CINTRA

Outomno, de 1914.

ARMANDO D'ARAUJO.

A' I. I. I. Italiana
A' I. I. I. Ingleza
A' I. I. I. Franceza



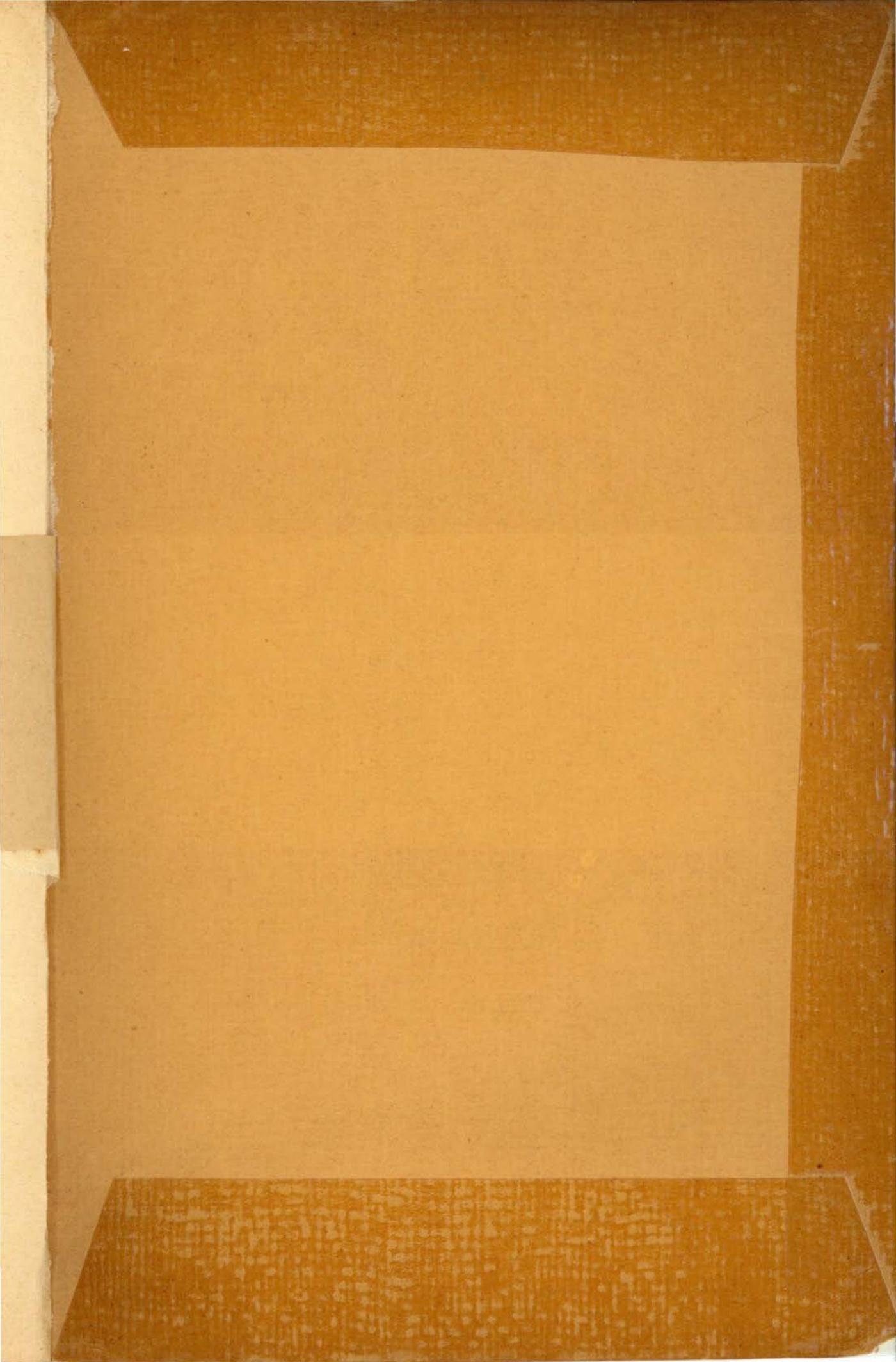
ERRATAS

Deverá lêr-se na pagina 11, o ultimo verso da segunda quadra :

Não te bastava a Fé de tantos peitos !

e na pagina 13, o primeiro verso da segunda quadra :

Negro cajado, rispido segura,



Preço 200 réis



80116650

Composto e impresso no ———
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
——— Largo da Abegoaria, 27
——— LISBOA ———